

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Angela Cunha da Motta Telles
Estácio de Sá e RGPL

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) nasceu em Lisboa, filho e discípulo do artista Manuel Maria Bordalo Pinheiro, irmão dos pintores Columbano e Maria Augusta. Fez seus estudos na Escola de Artes Dramáticas, na Academia de Belas Artes e no Curso Superior de Letras. Consagrou-se como jornalista, caricaturista e ceramista.

Em 1870, começou sua atuação na imprensa ilustrada portuguesa, fazendo sucesso no *Calcanhar de Aquiles*, com caricaturas de personalidades da vida intelectual lusitana. Fundou, depois, os periódicos *A Berlinda* e *O Binóculo*, este último dedicado ao teatro, que era outra arte de sua predileção.

Em 1872, publicou *Álbum de caricaturas*: frases e anedotas da língua portuguesa; e depois apontamentos sobre a *Picaresca viagem do Imperador do Brasil [Brasil] pela Europa*, em que d. Pedro II foi o alvo de seu lápis crítico. Essa publicação obteve muito sucesso tanto em Portugal como no Brasil, com três edições sucessivas.

Reconhecido por seus pares como perito na sua arte, em 1873, viajou para Espanha, contratado pelo periódico inglês *The Illustrated London*, para cobrir a disputa entre carlistas e regalistas. Trabalhou, também, para *Illustration de Madrid*, *Illustracion Española* e *Americana* e *El Mundo Cômico*.

Em 1873 e 1874, realizou uma série de *portrait-charges* de atores portugueses da época e um mapa fantasioso da Europa.

Em 1875, lançou um álbum de *Frases e anexins da língua portuguesa*, com prefácio biográfico de Júlio César Machado. E, nesse mesmo ano, Bordalo lançou o seu primeiro jornal generalista, *A Lanterna Mágica*, em colaboração direta com Junqueiro, Guilherme de Azevedo e Manuel de Macedo, que chegou a ser de tiragem diária. Entretanto, foi interrompido no número 33, por decisão do próprio Bordalo, por ter recebido uma proposta irrecusável financeiramente de um editor estabelecido na capital do Império do Brasil.

Em agosto de 1875, transfere-se para o Brasil, convidado a trabalhar no periódico *O Mosquito* (1869-1877), publicado no Rio de Janeiro, para se encarregar das ilustrações anteriormente a cargo do italiano Angelo Agostini. A questão religiosa, entre o Império do Brasil e a Santa Sé, estava na ordem do dia, possibilitando Bordalo Pinheiro pintar e dar seu tom àquele assunto que causou tanta polêmica na época, extravasando um anticlericalismo próprio daquele momento em charges que marcaram o início de sua chegada à capital do Império do Brasil. Os bispos de Olinda e do Pará (d. Vital de Oliveira e d. Macedo Costa), que haviam infringido as leis do Império e estavam presos, foram anistiados, em

17 de setembro de 1875, pelo governo imperial, e Bordalo produziu no dia seguinte da soltura dos religiosos uma charge mordaz, mostrando d. Pedro II sendo humilhado pelo papa Pio IX. Essa charge de página dupla acentua um momento de mudança da imprensa do Rio em relação à imagem que ela vinha pintando do governo imperial na condução da questão. A imagem antes positiva e sintonizada com o interesse nacional cedia lugar para imagem oposta. A partir da anistia dos bispos, a imagem de d. Pedro II e do governo imperial sofreu violenta transformação, o lápis crítico do caricaturista foi usado para ridicularizar o governo monárquico e seu chefe. E a alternativa pelo regime republicano passou a ser enfocada.

Em 1877, Bordalo lançou o *Pssit!!!*, que durou somente dois meses. No ano seguinte, em abril de 1878, fundou *O Besouro*, folha ilustrada humorística e satírica, de cunho político.

Bordalo, em consequência de seu lápis crítico na imprensa do Rio de Janeiro, acabou por sofrer atentado à sua vida, retornando a Portugal em 1879.

Dentre as inúmeras contribuições de Bordalo, a imprensa do Rio de Janeiro destaca a historiografia atual como uma das mais importantes, a pioneira utilização da fotografia como denúncia na imprensa do Rio de Janeiro. Em 20 de julho de 1878, Bordalo estampou na capa de *O Besouro* uma litografia a partir de fotos de duas crianças vítimas da seca do Ceará 1877-1878 (Nordeste do Brasil). (Andrade, 2004, p. 186).

Foi Bordalo, também, quem introduziu nas páginas do periódico *O Mosquito* a imagem do “Zé-povinho”, personagem de sua criação “símbolo eterno do português sofredor, humilde pé de boi, herdeiro direto do bom senso de Sancho Pança e da filosofia secular dos franciscanos pedintes”, como observou Herman Lima (1963, p. 93). Esse personagem foi o comentador predileto das charges criadas pelo artista português e, mais tarde, serviu de inspiração para outros caricaturistas, assumindo, muitas vezes, o tipo do caipira, de chapéu de palha, simbolizando o “Zé-povinho”, brasileiro.

Ao voltar para Portugal lançou jornal que seria o mais popular dos seus jornais, *António Maria*, em alusão ao ex-chefe de governo, Fontes Pereira de Melo. Durante seis anos criticou em suas páginas a sociedade fontista. Nas palavras de José Augusto França, o jornal foi “interrompido só por razões éticas e profissionais de Bordalo contra uma falta de coragem dos seus colegas da Imprensa que o deixaram bater-se sozinho numa circunstância grave, mesmo que menor, de sua carreira.” (2004, p. 136). Mas Bordalo continuou a traçar sua crítica em *Pontos nos ii* até a revolução de 31 de janeiro de 1891. Em março de 1891 voltou a publicar *António Maria*, que duraria até julho de 1898 e terminou sem motivo aparente. Em 1900 lançou *A Paródia*, que sobreviveu até 1906, após a morte do seu criador Rafael Bordalo Pinheiro em 1905.

Seus trabalhos nos jornais portugueses, nas palavras de José Augusto França,

[...] constituem o essencial de uma obra que importa colocar em primeiro plano da criação artística nacional, na qualidade da sua realização, na originalidade do seu imaginário – e, sobretudo, na sua inserção na vida portuguesa (ou lisboeta) de todos os dias, durante mais de trinta anos (2004, p. 135).

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1939 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 183.

FRANÇA, José Augusto. *História da Arte em Portugal: o pombalismo e o romantismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p. 884.

MINICURRÍCULO:

Angela Maria Cunha da Motta Telles é doutora e mestre em História Social (IFCS/UFRJ), com especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil (PUC-RJ). Em 2007 obteve o Prêmio d. João VI de Pesquisa (Universidade de Coimbra, UNIRIO e Comissão para a Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental COLUSO). Professora do curso de Relações Internacionais da Universidade Estácio de Sá e integra o Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura.